

A economia da Síria entra em colapso mesmo quando a guerra civil chega ao fim



The New York Times

Foto acima: Uma faixa do Presidente Bashar al-Assad em Aleppo, Síria. Com as maiores batalhas da guerra atrás de si, ele enfrenta agora uma crise económica que empobreceu o seu país.

Ben Hubbard

15 de Junho de 2020

O presidente Bashar al-Assad enfrenta ameaças que ele não pode bombardear até a submissão, pois os protestos irrompem sobre os padrões de vida e uma fenda se abre entre a elite dominante.

BEIRUT, Líbano - O presidente Bashar al-Assad, que venceu a guerra civil da Síria, enfrenta agora uma crise econômica aguda que empobreceu seu povo, provocou o colapso da moeda e alimentou uma rara fenda pública na elite governante.

Os salários do governo tornaram-se quase inúteis. Protestos contra a queda do nível de vida têm surgido no sudeste.

A libra síria vale tão pouco que as pessoas postaram imagens em mídias sociais de notas usadas para enrolar cigarros.

O governo está tão atado ao dinheiro que está espremendo empresários ricos para ajudar a financiar o Estado, um movimento que levou um poderoso magnata sírio a criticar abertamente o governo.

Durante nove anos, o Sr. al-Assad confiou na força bruta para derrotar os rebeldes que procuravam acabar com o poder da sua família de décadas. Mas agora, com as maiores batalhas da guerra atrás de si, ele enfrenta novas ameaças que não pode bombardear ou contar com os seus poucos aliados para o ajudar a ultrapassar.

Que o magnata, membro do círculo interno do Sr. al-Assad, teve a temeridade de ir a público com a sua disputa sugere um enfraquecimento do seu poder. E as rigorosas sanções económicas americanas que entram em vigor na quarta-feira podem piorar a situação.

"O problema para al-Assad é que ele não tem uma solução", disse Danny Makki, um analista sírio do Instituto do Oriente Médio, em Washington. "Vai criar uma crise de alta intensidade, e ou ele tem de falar com os americanos e fazer concessões ou suportar o que pode ser um grande colapso econômico.

"A guerra asfixiou a economia da Síria, reduzindo-a a um terço do tamanho que tinha antes da guerra, e fazendo um pedágio que se pensava estar nas centenas de bilhões de dólares.

Estima-se que 80 por cento dos sírios vivem na pobreza. Cerca de 40% estavam desempregados no final de 2019, os últimos números disponíveis, e o desemprego só aumentou devido a restrições governamentais para controlar o coronavírus.

O colapso da moeda da Síria agravou a crise.

Vale cerca de 50 para o dólar dos Estados Unidos antes da guerra, a libra síria foi negociada em centenas por dólar nos últimos anos, mas começou a cair no último outono em conexão com uma crise financeira no vizinho Líbano, onde muitos sírios guardavam seu dinheiro. Os controles não-oficiais de capital que visam impedir uma corrida aos bancos libaneses também bloquearam os sírios que lá fazem transações bancárias de retirar dólares.

Na semana passada, a libra esterlina caiu para 3.500 dólares no mercado negro, destruindo o poder de compra dos funcionários do governo. Os preços dos produtos básicos importados, como açúcar, café, farinha e arroz, duplicaram ou triplicaram.

O governo tem procurado líderes empresariais sírios por dinheiro para ajudar a financiar os salários e serviços do governo, de acordo com o Sr. Makki e Jamil al-Sayyed, um ex-chefe de segurança libanês que se encontra com oficiais sírios.

A maioria dos que foram abordados concordaram calmamente e o quanto pagaram não foi tornado público.

Mas o magnata mais conhecido da Síria - Rami Makhoul, um bilionário financeiro com participações em eletricidade, petróleo e telecomunicações - recuou, criando uma rara divisão aberta nos níveis mais altos da sociedade síria.

O Sr. Makhoul é primo e companheiro de infância do Sr. al-Assad, que usou as suas ligações à família dominante para se tornar um dos homens mais ricos da Síria.

O Departamento do Tesouro dos Estados Unidos sancionou o Sr. Makhoul em 2008 por corrupção, congelando quaisquer activos que detinha nos bancos americanos. Chamando-o de "um dos principais centros de corrupção na Síria", o departamento disse que ele tinha "acumulado seu império comercial explorando suas relações com os

membros do regime sírio" e "manipulado o sistema judicial sírio e usou funcionários da inteligência síria para intimidar os seus rivais de negócios."

Quando o Sr. Makhlouf se recusou a pagar, o governo do Sr. al-Assad apertou os parafusos, impedindo-o de contratos estatais, congelando os seus bens e nivelando cerca de 180 milhões de dólares em taxas na SyriaTel, a principal operadora de telefonia móvel do país e uma vez uma vaca em dinheiro para o Sr. Makhlouf.

Foi quando o Sr. Makhlouf foi a público, publicando uma série de vídeos no Facebook reclamando da prisão de seus funcionários, se apresentando como patrono dos serviços de segurança e chamando o Sr. al-Assad para retificar a situação.

"A situação é perigosa", disse o Sr. Makhlouf em um vídeo. Se a pressão sobre ele e seus funcionários continuasse, disse ele, haveria "justiça divina porque começamos uma curva perigosa".

Os esforços para chegar ao Sr. Makhlouf através das suas contas nas redes sociais não foram bem sucedidos.

Analistas e antigos associados do Sr. al-Assad disseram que a campanha pública do Sr. Makhlouf revelou uma nova fragilidade no círculo interno do Sr. al-Assad.

"O regime sofre de muitos problemas econômicos e outros, ou Rami nunca ousaria fazer estes vídeos", disse Firas Tlass, um antigo associado da família al-Assad que desertou no início da guerra.

Em outro sinal de tumulto no governo, o Sr. al-Assad demitiu o primeiro-ministro, Imad Khamis, na quinta-feira, em um movimento que os analistas disseram ter procurado desviar as culpas para a angústia econômica do país.

Temendo que a murmuração pública em áreas pacificadas do país pudesse alimentar a agitação, as forças de segurança detiveram vários cidadãos que escreveram sobre corrupção e o declínio econômico nas mídias sociais.

Em abril, um professor de economia da Universidade de Damasco, Ziad Zamboua, escreveu no Facebook que tinha sido demitido depois de falar publicamente sobre a erosão da classe média da Síria.

"Porque é que um professor universitário é castigado num estado de instituições e direito?" O Sr. Zamboua escreveu. "Porque eu cometi a maior de todas as indecências: Eu falei?!"

A raiva sobre o afundamento dos meios de subsistência tem ardido mesmo entre os membros da minoria Alawite do Sr. al-Assad, cujos jovens lutaram em grande número com as suas forças apenas para descobrir que irão partilhar a pobreza do país em vez de colherem os benefícios da vitória.

Um homem de direito com parentes no exército disse que o colapso da moeda tinha tornado os seus salários praticamente inúteis, com generais do exército a ganharem o equivalente a menos de 50 dólares por mês e soldados a ganharem menos de um terço disso.

"Sacrificamos dezenas de milhares de nossos filhos e homens para defender a Síria unida e forte e viver com dignidade", disse o homem, falando em condição de anonimato para evitar a prisão. "O Presidente deve encontrar uma solução ou partir."

O Sr. al-Assad, que ocasionalmente aparece em público usando trajes escuros e laços conservadores, não respondeu publicamente ao Sr. Makhoulf e culpou conspirações de adversários estrangeiros - os Estados Unidos, Israel e Arábia Saudita, entre outros - pelos problemas de seu país.

Ele raramente abordou a dor econômica que seus cidadãos enfrentam, mas no mês passado ele disse a uma comissão que as restrições aos negócios e aos movimentos que visavam evitar o coronavírus tinham aprisionado os sírios "entre fome e pobreza e privação de um lado e morte do outro".

O Sr. al-Assad conseguiu recuperar a maior parte do país, além dos bolsos no norte e na maior parte do nordeste, com a generosa assistência militar da Rússia e do Irã.

Mas esses aliados, ambos lutando sob sanções ocidentais, dificilmente lhe pagarão fiança financeira. Funcionários em ambos os países levantaram questões sobre como o Sr. al-Assad lhes pagará pelo seu apoio.

"Os russos, os iranianos, os aliados - eles não vão arar dinheiro na Síria", disse o Sr. Makki, o analista sírio. "Eles querem um retorno do seu investimento."

Mais dores aproximam-se.

Os Estados Unidos vão impor esta semana novas sanções que podem atingir os empresários que o Sr. al-Assad precisa para reconstruir as suas cidades destruídas.

A Lei César, cujo nome vem de um fotógrafo da polícia síria que desertou com fotos de milhares de prisioneiros torturados e mortos em

A custódia síria exige que o presidente dos Estados Unidos sancione qualquer pessoa que faça negócios ou dê apoio significativo ao governo sírio ou aos seus funcionários.

Destina-se especificamente a qualquer pessoa que forneça peças de aviões, ofereça serviços à indústria petrolífera síria ou se envolva em projectos de engenharia ou construção para o Estado ou pessoas a ele ligadas.

Os analistas disseram que a legislação é tão ampla que não está claro como será aplicada, mas que ela já enviou um arrepio através de empresas da região que estavam de olho em oportunidades de lucrar com os esforços de reconstrução da Síria.

"Se eu for um homem de negócios e tiver alguns milhões de dólares para investir, não irei à Síria hoje", disse Kheder Khaddour, um analista sírio do Centro Carnegie Middle East Center, em Beirute. "É muito arriscado."

Hwaida Saad contribuiu com reportagens de Beirute, e um funcionário do The New York Times de Damasco, Síria.

<https://www.nytimes.com/2020/06/15/world/middleeast/syria-economy-assad-makhlouf.html>

Traduzido pelo Deepl Translate